



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

ISABELLA MARIA SOUTO MAIOR DUARTE

No meio do caminho tinha um corpo: a psicanálise, o feminino e os ideais estéticos

João Pessoa

Novembro de 2022

ISABELLA MARIA SOUTO MAIOR DUARTE

No meio do caminho tinha um corpo: a psicanálise, o feminino e os ideais estéticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de Leon.

João Pessoa

Novembro de 2022

ISABELLA MARIA SOUTO MAIOR DUARTE

No meio do caminho tinha um corpo: a psicanálise, o feminino e os ideais estéticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de Leon.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de Leon
Universidade Federal da Paraíba
(Orientador)

Regileide de Lucena Fernandes
Examinadora

Sara Silvia Arkanian
Examinadora

Aos meus pais, Marco Túlio e Maria Eloisa, pelo corpo que eu tenho.

Agradecimentos

Aos analisandos de estágio, motivação do meu percurso clínico e teórico dentro da psicanálise.

Às colaboradoras do Projeto Aimée, Regileide, Sara e Cleide, que me abriram o caminho da psicanálise lacaniana.

À minha psicanalista, Laura, que me fez perceber como a *talking cure* freudiana de fato, cura.

A todo o corpo docente do curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, pelas disciplinas, debates e projetos que enriqueceram a minha formação.

Ao meu orientador, Adriano de Léon, pelo apoio e pela leveza que ele trouxe nesse percurso.

Aos meus amigos de infância que eu conheci na universidade: Rayanne, Renata, Emily, Enya, Lucas e Tainah, pelos cafés no CE que aliviavam os dias.

À minha amiga, Yasmine, por tudo.

À minha família, pelo apoio. Em especial, à minha mãe, Eloisa, pelo grande exemplo de mulher, de leitora e de psicanalista que ela é para mim. E ao meu pai, Marco Túlio, por sempre valorizar o estudo e apontar o caminho do trabalho honesto.

A todos que, de forma direta ou indireta, possibilitaram a realização deste trabalho.
Obrigada.

Claro que o corpo não é feito só para sofrer,

mas para sofrer e gozar.

Na inocência do sofrimento

como na inocência do gozo,

o corpo se realiza, vulnerável

e solene.

Salve, meu corpo, minha estrutura de viver

e de cumprir os ritos do existir!

Amo tuas imperfeições e maravilhas,

amo-as com gratidão, pena e raiva intercadentes.

Em ti me sinto dividido, campo de batalha

sem vitória para nenhum lado

e sofro e sou feliz

na medida do que acaso me ofereças.

Será mesmo acaso,

será lei divina ou dragonária

que me parte e reparte em pedacinhos?

Meu corpo, minha dor,

meu prazer e transcendência,

és afinal meu ser inteiro e único.

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo

Em uma visão psicanalítica, o corpo é compreendido para além do campo orgânico, tendo em vista que ele é dotado de um caráter erógeno, pulsional e inconsciente. Há, portanto, uma diferença significativa entre organismo e corpo. Se o organismo é um dado da natureza, o corpo é uma construção empreendida pelo sujeito. Nesse sentido, a constituição da corporeidade é um processo que inicia com os primeiros cuidadores e segue por toda a vida. A relação das mulheres com seus corpos, em especial, pode levantar inúmeras inquietações psíquicas em virtude da associação existente entre feminilidade, corpo e estética. Desde a histórica freudiana à mulher contemporânea, os conflitos atravessam a mulher que interroga a própria imagem corporal. Em vista disso, essa monografia buscará explorar a relação da psicanálise com o corpo, com o feminino e com os ideais de beleza, examinando as motivações que levam às intervenções estéticas. Trata-se, portanto, de um trabalho eminentemente teórico, cuja fundamentação encontrou respaldo no texto freudiano como ponto de partida, perpassando pela produção lacaniana e por diversos autores contemporâneos.

Palavras-chave: Corpo, mulheres, psicanálise, ideais de beleza.

Abstract

In a psychoanalytical view, the body is understood beyond the organic field, considering that it is endowed with an erogenous, instinctual and unconscious character. Therefore, there is a significant difference between organism and body. If the organism is a product of nature, the body is a construction undertaken by the subject. In this sense, the constitution of corporeality is a process that begins with the first caregivers and continues throughout life. Women's relations with their bodies, in particular, can raise numerous psychological concerns due to the association between femininity, body and aesthetics. From the Freudian hysteric to the contemporary woman, conflicts cross the woman who questions her own body image. This work will seek to explore the relations between psychoanalysis and the body, femininity and beauty ideals, examining the motivations that lead to aesthetic interventions. It is, therefore, an eminently theoretical work, that found support in the Freudian text as a starting point, passing through the lacanian production and several contemporary authors.

Key words: Body, women, psychoanalysis, beauty ideals.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CONCEPÇÃO DE CORPO PARA A PSICANÁLISE FREUDIANA.....	15
2.1 O corpo erógeno.....	15
2.2 O corpo pulsional.....	17
2.3 O corpo narcísico	19
3 A CONCEPÇÃO DE CORPO PARA A PSICANÁLISE LACANIANA.....	21
4 AS TEORIZAÇÕES PSICANALÍTICAS DO FEMININO	24
5 A RELAÇÃO DAS MULHERES COM SEUS CORPOS: DA REPRESSÃO À SUPEREXPOSIÇÃO.....	27
5.1 A mulher vitoriana e a repressão do corpo	27
5.2 A mulher contemporânea e a superexposição do corpo.....	30
6 DO ORNATU MULIERIUM ÀS REDES SOCIAIS: AS IMPOSIÇÕES DO SER MULHER ATRAVÉS DOS TEMPOS	33
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

Introdução

Desde os primórdios da psicanálise, Freud encontrou na criação artística uma via para articular os seus conceitos teóricos, como pode ser visto em *Arte, Literatura e os Artistas* (Freud, 2016). De acordo com ele, o artista precede o psicanalista. Dessa maneira, seguindo pela trilha freudiana, utiliza-se o poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade (1930), para trazer à luz a relação entre o sujeito e seu corpo:

“No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. (...).

Nunca me esquecerei desse acontecimento. Na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho. Tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. No meio do caminho tinha uma pedra” (Drummond, 1930).

O corpo e a pedra, postos aqui em posição de igualdade, podem ser compreendidos por duas vertentes: em primeiro, pela vertente daquilo que faz marca, de um acontecimento inesquecível para o sujeito; e, em segundo, pela vertente do obstáculo, daquilo que se coloca a atrapalhar o caminho, algo que se precisa atravessar para poder seguir. Defende-se, então, que, para a psicanálise, essa analogia reflete a relação de um sujeito com seu corpo, visto que dele não se esquece, não se escapa e não se pode prescindir. Dessa maneira, ao constituir o campo primordial de construção da singularidade de cada um, o corpo se faz presente no caminho da clínica psicanalítica:

“Quer a consideremos a partir do sintoma ou da angústia, do significante ou do objeto, do sexual ou do discurso, do sentido ou do gozo, a clínica psicanalítica é fundamentalmente uma clínica do corpo, uma clínica que dele parte para a ele retornar, uma prática cujos operadores específicos não saberiam se dar sem o corpo” (Askofaré, 2019, p.35).

Por esse viés, é crucial pontuar que a psicanálise surge justamente a partir da escuta clínica das mulheres históricas, as quais vivenciavam relações conflituosas com seus corpos, manifestando sintomatologias que não eram passíveis de explicação pelo conhecimento médico em vigor na época vitoriana (Birman, 2017). Freud, ao escutar o que as históricas tinham a dizer, possibilitou que o caráter inconsciente e sexual do corpo entrasse em cena, inaugurando uma visão de corporeidade que estava além do campo orgânico: tem-se, a partir de então, um corpo pulsional, investido eroticamente e atravessado pelo discurso de uma época.

Do ponto de vista histórico, a relação das mulheres com os seus corpos desperta um interesse especial, visto que se identifica, ao longo do tempo, uma marcante preocupação feminina com a beleza. Remontando ao século XIII, no período da Idade Média, já existiam tratados de cosmetologia como o *De Ornatu Mulierum* (1250) que ensinava às mulheres como melhorar a aparência através da utilização de unguentos, plantas, óleos e ervas (Macedo, 1998). Para Pinho (2016), este tratado, além de elencar uma série de receitas naturais a serem utilizadas, também revelava igual preocupação com os reflexos psicológicos advindos de fatores ligados à aparência corporal.

Assim, mesmo em um período orientado pelo masculino da religião católica, o corpo feminino trazia algo de sagrado na beleza. Conforme Macedo (1998), para o autor do tratado *De Ornatu Mulierum*, a beleza teria sido retirada das mulheres como punição à Eva pelo pecado originário. Ficar bela seria, então, uma forma de santificar o corpo. Há, dessa forma, uma associação histórica inegável entre mulher, corpo e estética. Souza e Kosovski (2018) abordam como, em diferentes sociedades, a tentativa de criar uma imagem culturalmente reconhecida como feminina envolve a utilização de adornos e ornamentos que recobrem o corpo. Para essas autoras, as mulheres mantêm uma relação singular com a imagem corporal: esperam dela depreender certa afirmação.

Em consonância com essa perspectiva, as psicanalistas Silva e Rey (2011) propõem que os ideais de beleza exerceriam certas funções na estruturação da feminilidade:

“Se for profícua, a beleza pode ser concebida como uma das saídas da feminilidade, como forma de elaboração da castração. Contudo, se for escravizante, a beleza parece ser uma tentativa de recobrir a falta, em uma recusa à castração” (Silva & Rey, 2011).

Por um lado, a beleza pode ser concebida como um recurso para elaborar a castração e uma saída para o enigma da feminilidade. Por outro lado, uma crença excessiva nesse recurso é lida como uma recusa à castração e como uma tentativa de tamponar a falta originária. O mercado de beleza contemporâneo se apropria desta segunda lógica, criando, por meio do consumo, a ideia de que existiria sempre um objeto capaz de suprir a falta a ser do sujeito. Enquanto construto cultural, a beleza feminina foi apropriada pela lógica do mercado que constantemente oferece novos produtos e novos procedimentos que visam enquadrar o sujeito no ideal estético em vigor.

Na contemporaneidade, o corpo real, por vezes, parece ser concebido como uma pedra no meio do caminho, como um obstáculo a ser superado na procura pela felicidade, a qual, supostamente, seria possibilitada pelos ideais de beleza. Em uma tentativa de atingir a imagem corporal idealizada, os sujeitos recorrem aos mais diversos artifícios de manipulação de si, eternamente insatisfeitos, mesmo após dietas, exercícios físicos, preenchimentos de ácido hialurônico, aplicações de toxina botulínica, intervenções estéticas e cirurgias plásticas. Como revelam as estatísticas da International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS, 2021), o Brasil, no ano de 2020, ocupou o segundo lugar no ranking de países que mais realizam cirurgias plásticas em todo o mundo.

Desse modo, imerso na busca pela perfeição corporal por meio do consumo e dos procedimentos estéticos, o indivíduo contemporâneo parece encenar uma repetição semelhante ao do *Mito de Sísifo* (Camus, 2017), mortal condenado pelos deuses a empurrar

incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde ela tornava a cair, tornando seu esforço infindável. É importante pontuar, como coloca Ferreira (2014), que o investimento no corpo é de caráter dual: da mesma forma que ele é encarado como fonte de prazer inesgotável, ele também é fonte de frustração, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo. Para a autora, redesenham-se os corpos com o objetivo de alcançar certo ideal, mas se isso não é possível, está posto o sofrimento.

Desse modo, as insatisfações com a forma corporal ressoam na clínica psicanalítica. Os defeitos físicos por vezes são experimentados como catástrofes, revelando que o sentimento de identidade e integridade corporal do sujeito se encontra ameaçado (Fernandes, 2021). Esse cenário é fortemente impactado pelas mídias sociais, visto que ao promoverem um corpo que está constantemente em cena, por uma via do excesso, produzem efeitos como a insatisfação com a própria imagem e o desejo de alterá-la. Essa afirmação encontra fundamento na célebre frase freudiana em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*: “desde o começo, a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (Freud, 1921/2017, p. 33).

Essas teses abrem caminho para explorar, a partir de um viés psicanalítico, a relação que as mulheres estabelecem com seus corpos, com o campo do feminino e com os ideais estéticos. A partir do entrelaçamento dessas temáticas, levanta-se os seguintes questionamentos: qual a concepção de corpo para a psicanálise? Como Freud e Lacan teorizam o feminino? Como se deu, através dos tempos, a relação das mulheres com os seus corpos? Como pensar a associação entre beleza e feminilidade? Que efeitos a procura por um ideal estético promove nas mulheres?

Na tentativa de responder estas indagações, as quais constituem os objetivos dessa monografia, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico exploratório que, segundo Gil (2002), objetiva levar em consideração diversos aspectos relativos a um fato ou fenômeno em

específico, proporcionando, assim, uma maior familiaridade com o tema. Trata-se, portanto, de um trabalho eminentemente teórico, cuja fundamentação encontrou respaldo no texto freudiano como ponto de partida, passando pela teorização lacaniana, além de incluir as produções de inúmeros psicanalistas contemporâneos.

De modo a apresentar de maneira concisa os argumentos que dão sustento ao texto, ele se estrutura como exposto a seguir. Após a introdução, no capítulo 2, aborda-se a concepção de corpo para a psicanálise freudiana. Na subseção 2.1, trata-se do corpo erógeno; na subseção 2.2, do pulsional; na subseção 2.3, do corpo narcísico. Em seguida, no capítulo 3, explora-se a posição lacaniana acerca do corpo. No capítulo 4, aborda-se a noção de feminilidade para a psicanálise. No capítulo 5, discorre-se acerca da relação que, ao longo da história, as mulheres estabeleceram com os seus corpos. Na subseção 5.1, coloca-se em debate a histeria como precursora do estudo psicanalítico, bem como analisa-se os efeitos da repressão sexual nas mulheres vitorianas; na subseção 5.2, discorre-se acerca da mulher contemporânea e da problemática da superexposição do corpo, fomentada pelas redes sociais. Por fim, no capítulo 6, aborda-se as imposições históricas que tentam demarcar uma maneira ideal de ser mulher.

2 A concepção de corpo para a psicanálise freudiana

A teoria freudiana foi sendo construída e reconstruída ao longo do tempo e, nesse sentido, conforme a metapsicologia psicanalítica se desenvolvia, certas concepções acerca do corpo foram surgindo. Dessa maneira, aqui serão abordadas três concepções de corpo para Freud: o corpo erógeno, o corpo pulsional e o corpo narcísico.

2.1 O corpo erógeno

Ao realizar a passagem de um organismo puramente biológico para um corpo também dotado de erogeneidade, Freud promoveu uma verdadeira mudança na concepção de corpo estabelecida pela ciência do século XX (Fernandes, 2016). Nessa perspectiva, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), ele constatou a manifestação de uma sexualidade infantil, indo de encontro ao que era postulado em seu tempo: “na concepção popular do instinto sexual, ele está ausente na infância e desperta somente no período de vida que designamos como puberdade” (Freud, 1905/2016, p.73).

Ademais, a articulação freudiana de uma sexualidade infantil partiu da definição de zonas erógenas no corpo do bebê, as quais foram caracterizadas como “uma parte da pele ou da mucosa em que estímulos de determinada espécie provocam uma sensação de prazer de certa qualidade” (Freud, 1905/2016, p.87). Desse modo, a partir de Freud e de sua tese das zonas erógenas, o corpo passou a ser visto como campo de prazeres e de desprazeres desde os primeiros momentos de vida, não somente a partir da puberdade. A exemplo disso, ele destacou o ato de sucção da criança na busca ativa pelo prazer:

“A primeira e mais vital atividade da criança, mamar no peito da mãe (ou de seus substitutos), já deve tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma zona erógena, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer. No começo, a satisfação

da zona erógena estava provavelmente ligada à satisfação da necessidade de alimento.

A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela” (Freud, 1905/2016, p. 85).

No caso citado por Freud (1905/2016), envolvendo a instância da zona oral, a amamentação materna é colocada como um primeiro suporte do sujeito, não apenas de alimentação, mas também de prazer. Como a atividade sexual só se torna independente das funções de conservação da vida em um segundo momento, pode-se afirmar que ela é inaugurada a partir da relação mãe e filho. Desse modo, a satisfação das necessidades vitais promove no sujeito marcas da intervenção de um provedor. Nesse ínterim, Teperman (2021) remete à importância dos primeiros cuidadores no processo de constituição da corporeidade:

“Para a criança ‘ter’ um corpo, adquirir consistência corporal inconfundível, será preciso uma complexa operação de incorporação que se inicia desde os primeiros instantes de vida, e até mesmo antes, no período pré-natal. O corpo do ser humano é um corpo construído, edificado, produzido pelas experiências simultâneas e sucessivas que esse pequeno ser imaturo atravessará, graças aos cuidados dos parceiros cuidadores” (Teperman, 2021, p.28).

Portanto, o que garante a sobrevivência de um sujeito, no momento inicial de imaturidade biológica é, necessariamente, um outro alguém. Dessa maneira, a relação de troca estabelecida com o cuidador primário, a partir do manuseio, da limpeza, da alimentação, da voz e do olhar, é o que garante a sobrevivência da criança. Contudo, a interpretação que os pais fazem das necessidades de seus filhos não é absoluta. Por esse lado, Fingermann (2021) argumenta que uma falha presente nessa relação tem efeitos posteriores para o indivíduo:

“A interpretação das necessidades biológicas como demandas de cuidados é decifrada a partir do aparelho simbólico e dos recursos do outro cuidador. Essa suposição

inscreve, de saída, o pequeno humano no laço socializante, mas grava simultaneamente uma marca negativa, algo como uma traição, uma falha, uma fraude: algo do corpo vivo não estará representado por essa “tradução” da necessidade em demanda" (Fingermann, 2021, p.31).

É essa falha na transcrição das suas necessidades que funda a relação do sujeito com o mundo, com os objetos e com o seu próprio corpo. Para a psicanálise, o indivíduo é sempre faltante, e é isso que inaugura a sua posição de sujeito que deseja. Afinal, só existem satisfações parciais, tendo em vista que a pulsão é um movimento constante, que não cessa nunca e nem encontra correspondência em um único objeto.

2.2 O corpo pulsional

Em um momento posterior à constatação da sexualidade infantil e das zonas erógenas, Freud buscou definir o conceito de pulsão. Para Lazzarini e Viana (2006), essa definição é fundamental para a metapsicologia freudiana, na medida em que a pulsão ancora o psiquismo no corpo. Por esse viés, Ferreira (2013) entende que o conceito de pulsão subverteu a dicotomia cartesiana clássica entre mente *versus* corpo e instaurou uma nova dicotomia: a do corpo *versus* organismo. Nesse sentido, o corpo freudiano está para além da biologia, visto que, ao estar atravessado pela pulsão, ele não se limita às leis fisiológicas.

Dessa maneira, no ensaio *As pulsões e seus destinos* (1915/2017), Freud traz a pulsão como o operador responsável por possibilitar que o sujeito diferencie o mundo externo – ou ambiente – do seu mundo interior – o próprio corpo. Em suas palavras:

“Coloquemo-nos na posição de um ser vivo quase totalmente desamparado, ainda desorientado no mundo, e que recebe estímulos sobre sua substância nervosa. Esse ser logo estará em condições de estabelecer uma primeira diferenciação e adquirir uma primeira orientação. Por um lado, ele passará a perceber estímulos dos quais é capaz

de se afastar através de uma ação muscular (fuga), sendo tais estímulos relativos ao mundo externo; por outro, porém, perceberá também estímulos contra os quais tal ação é inútil, que, apesar disso, mantêm seu caráter de constante permanência, sendo tais estímulos a marca característica de um mundo interior, a evidência das necessidades pulsionais” (Freud, 1915/2016, p.22-23).

A partir desse trecho, é possível entender as pulsões como forças de uma outra ordem, que se diferenciam, portanto, dos estímulos fisiológicos representados no modelo do arco reflexo. Sendo assim, as forças pulsionais se caracterizam pela sua constância e pela sua origem no interior do organismo. Fortes et al. (2018) sintetizam o principal argumento do ensaio freudiano acerca da pulsão: como não é possível fugir da pressão incessante que ela exerce, faz-se necessário, portanto, buscar destinos para a excitação pulsional.

Sobre esse ponto, os autores supracitados colocam que “derivada do corpo, a pulsão retorna sobre ele, fazendo dele, ao mesmo tempo, origem e destino. O corpo é, a um só tempo, a fonte da pulsão e o veículo que permite a descarga conducente à experiência de satisfação” (Fortes et al., 2018, p.281). A pulsão surge, ainda, como um conceito-limite, ou, nas palavras de Freud, fronteiroço, posto que não pertence nem ao campo biológico nem ao campo psíquico:

“(...) então nos aparece a “pulsão” como um conceito fronteiroço entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (Freud, 1915/2016, p.25).

No trecho citado acima, Freud diz que ao anímico é imposta uma exigência de trabalho em função de sua relação com o somático. Para Ferreira (2013), a partir dessa citação, é possível inferir que não é sem esforço – ou sem trabalho – que o aparelho psíquico se diferencia do mundo externo e internaliza a noção do corpo próprio, criando, a partir dela,

o Eu. Ou seja, o que Freud mostra, a partir do conceito de pulsão, é que o corpo é uma construção e não algo inato, dado por natureza, como o organismo. Em sua busca incessante por satisfação, “a função do órgão vai mais além da anatomia” (Ferreira, 2013, p.23).

2.3 O corpo narcísico

Para além de seu caráter erógeno e pulsional, o corpo é, em última instância, narcísico. Como trazem Lazzarini e Viana (2006), enquanto o corpo pulsional remete a uma dispersão da pulsão, o corpo narcísico se refere à unificação, ao estabelecimento de uma unidade corporal, que é realizada a partir da presença significativa do outro. No escrito *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*, Freud (1914/2010) estabelece o conceito de narcisismo como o estágio seguinte ao autoerotismo, primordial para a concepção de um sujeito que habita o próprio corpo, para a organização da instância psíquica Eu. Em seu arranjo teórico, existiriam duas modalidades narcísicas: uma primária e uma secundária.

No que tange ao narcisismo primário, ele coloca: “dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo” (Freud, 1914, p.33). Com efeito, Mieli (2017) desenvolve essa percepção acerca da troca entre mãe e filho, a qual, partindo de Freud, possibilita a estabilização do narcisismo:

“A troca entre mãe e filho faz do corpo, de seus órgãos, do envelope que é a pele, de suas bordas que separam e religam o exterior e o interior, o local de uma excitação erógena que traça o mapa da sexualidade infantil. Esse mapa permite, em um momento no qual a imagem subjetiva do corpo só se constitui a partir de uma troca com o outro, estabilizar um narcisismo essencial à sobrevivência” (Mieli, 2017, p.11).

Foi ao tempo do narcisismo primário que Freud estabeleceu o que chamaria de Eu ideal, em que a criança vivenciaria uma perfeição narcísica, efeito do discurso dos seus pais. Conforme Kuss (2016), a criança, para se desenvolver, precisa que os pais, especialmente a mãe, invista libido no seu ego. Assim, os pais atribuiriam ao bebê todo o narcisismo que eles mesmos um dia vivenciaram e perderam. Para Freud (1914/2010), nessa fase da constituição do Eu, o bebê recebe a alcunha de “His Majesty the Baby” (Sua Majestade, o Bebê).

Já em um segundo tempo, sendo este o do narcisismo secundário, a criança não mais dependeria do narcisismo parental. Existiria, desse modo, um deslocamento do Eu ideal para o ideal de Eu. Segundo Garcia-Roza (2008), a instância do ideal de Eu é externa ao sujeito e se refere às exigências que, ao longo da vida, ele se esforçará para satisfazer, em uma tentativa de restituir a perfeição narcísica vivenciada durante o narcisismo primário. Assim como dito por Freud: “O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914/2010, p.40).

Ademais, segundo Kuss (2016), para a constituição do narcisismo feminino, em específico, o olhar do outro tem fundamental importância. Referenciando as articulações freudianas, a autora coloca que com as mudanças promovidas pela puberdade, as meninas precisam novamente de um investimento narcísico, tal como haviam precisado na primeira infância, para dar significação ao corpo feminino. Desse modo, o olhar parece atravessar o sujeito e a relação que ele mantém com o próprio corpo. A questão do olhar e da sua relação com a imagem corporal suscita as contribuições de Jacques Lacan, psicanalista pós-freudiano, que em sua teorização acerca do estágio do espelho, aludiu à importância do olhar do outro no processo de assunção do corpo próprio. Esse ponto será explorado no próximo capítulo.

3 A concepção de corpo para a psicanálise lacaniana

Para Jacques Lacan (1901-1981), a fabricação corpórea, durante o estágio do espelho, decorreria de uma operação de identificação especular à imagem do Outro, responsável por produzir uma antecipação à função do eu, com a ilusão de uma superfície corporal unificada (Lacan, 1949/1998). Nesse sentido, Soler (2002), em seu livro *O Em-Corpo do Sujeito*, pontua que o corpo no estágio do espelho lacaniano é a imagem.

Essa explicação advém do fato de que o ser despedaçado encontraria, na imagem refletida no espelho, a unidade faltante ao seu organismo: “A hipótese é que a representação Una da forma do corpo traria o Um que falta ao organismo prematuro e despedaçado pelo fato da prematuração” (Soler, 2002, p.30). Dessa maneira, de início fragmentado, o organismo prematuro só começaria a se articular como corpo propriamente dito a partir de uma resposta externa.

Sendo assim, para Soler (2002), a construção de Lacan pode ser organizada da seguinte forma: a prematuração do sujeito, um problema de caráter real, encontraria uma solução de caráter imaginário, posto que a imagem refletida no espelho anunciaria uma totalização do organismo. Seria, portanto, graças à imagem, que o sujeito se enxergaria como uno, sendo capaz de estabelecer uma relação entre o seu organismo e a realidade.

Partindo dessa perspectiva, Mieli (2017) sugere que, ao longo da vida, os indivíduos permanecem na tentativa de estabelecer uma experiência corporal totalizada, visto que a imagem que eles têm de si é caracterizada tanto pela instabilidade quanto pela sujeição ao olhar do Outro. Ou seja, o corpo que se tem é construído a partir e através do olhar do Outro:

“Esse processo não acontece de uma vez por todas em um determinado momento. Se é verdade que se pode observar sua instauração durante a fase do espelho, é também verdade que é um processo que acompanha toda a vida do sujeito. Pode-se dizer que acompanhará as vicissitudes do real do corpo, que, em perpétua transformação à

revelia do próprio sujeito, estará à procura constante de uma imagem que confirme sua forma. A imagem de si tem a instabilidade como característica” (Mieli, 2017, p.12).

Ainda, a partir de uma associação entre o estágio do espelho e a significação feminina do corpo, Souza e Kosovski (2018) estabelecem a seguinte analogia:

“(...) enquanto o infans encontra júbilo na edificação da imagem especular e acessa, através dela, uma organização corporal que consiste numa “matriz simbólica” da instância psíquica (eu) que ainda não está formada, uma mulher pode obter satisfação na reafirmação da imagem corporal sustentada em identificações através da imagem que lhe retorna do espelho” (Souza & Kosovski, 2018, p.169).

Assim, a imagem da mulher diante do espelho a sustentaria em um campo de identificação com a feminilidade. Contudo, o campo do imaginário, para Lacan, não seria suficiente para explicar a relação entre o sujeito e o seu corpo, havendo, assim, mais uma instância envolvida: a simbólica. Para Soler (2008), a segunda tese lacaniana, acerca do simbólico, retroage sobre a primeira tese do imaginário, construída a partir do estágio do espelho. O narcisismo seria comandado pelos fatos do simbólico, pois, nas palavras de Soler (2008, p.36): “E é para dizer que o sujeito não se vê na sua forma e não se ama na sua forma senão pela mediação do Outro da linguagem”.

O corpo é visto, a partir de então, como um fato de linguagem. Para Soler (2008), tomando por base o estudo lacaniano, é a linguagem que opera sobre o organismo e faz dele um corpo. Corpo este que não é um dado de natureza – o organismo que o é – mas um produto transformado pelo discurso. Logo, para que o ser falante tenha um corpo, não bastaria apenas a imagem refletida no espelho, mas a confirmação, por meio da linguagem, de um outro que valide aquilo que se vê.

Essa teorização psicanalítica é aqui utilizada para, a partir de então, explorar os efeitos das redes sociais na significação que as mulheres contemporâneas dão aos seus corpos. Na era da pós-modernidade, os corpos superinvestidos são expostos não apenas ao olhar criterioso do sujeito em frente ao espelho, mas aos inúmeros olhares alcançados por meio das mídias digitais. Parece que não se escapa de olhar e de ser olhado pelos demais.

Não é uma grande surpresa, então, que os sujeitos da pós-modernidade tenham dificuldade em sustentar a própria imagem sem recorrer ao olhar do Outro. Afinal de contas, conforme Lacan, sem o Outro, o sujeito não pode nem mesmo se sustentar na posição de Narciso. No entanto, em uma sociedade em que o Outro é tão crítico, em que o Outro tanto exige e em que impera no discurso social um culto ao corpo belo e um ideal de completude associado à perfeição estética, a insatisfação com a própria imagem e os conflitos psíquicos que advém dessa frustração com o corpo atravessam o sujeito.

Marieta Severo, em uma reportagem publicada em fevereiro de 2022, suplicou: “Jovens, olhem-se menos no espelho, pelo amor de Deus!”¹. Contudo, parece ser difícil corresponder ao apelo da artista, considerando que através das câmeras dos aparelhos celulares, constantemente em mãos, residem inúmeros espelhos. Acerca desse tópico, a arte ajuda a formular um questionamento: “Em que espelho ficou perdida a minha face?”, interrogava-se Cecília Meireles, em seu poema *Retrato* (2001). Os sujeitos da pós-modernidade, assim como a autora, parecem não ter uma resposta.

Esses são alguns dos tópicos de interesse para a presente monografia, que serão analisados com mais profundidade nos próximos capítulos. Dessa forma, em primeiro lugar, pretende-se explorar como a psicanálise enxerga e teoriza o campo do feminino, para a partir

¹ Trecho de reportagem da artista Marieta Severo à Revista Marie Claire. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2022/02/marieta-severo-posso-estar-toda-enrugada-mas-quero-meus-neuronios-funcionando.html>. Acesso em: 03 Out. 2022.

de então construir um arcabouço teórico que possibilite pensar a relação de proximidade que as mulheres detêm com a beleza, com o narcisismo e com a imagem corporal.

4 As teorizações psicanalíticas do feminino

De modo geral, coloca-se que a teoria psicanalítica, nos tempos freudianos, teve maior foco na figura da mãe do que na figura da mulher. Como pontuam Silva e Folberg (2008), Freud depositava na maternidade a resolução do Édipo feminino: o filho, ao substituir o pênis, seria o representante do desejo feminino por excelência. No entanto, são universalmente conhecidas as objeções existentes à equivalência, traçada pela psicanálise freudiana, entre ser mulher e ser mãe.

Ademais, é importante colocar que Freud reconheceu as suas limitações ao explorar a feminilidade, ponto denominado por ele de “continente negro” da psicanálise. Em carta para Marie Bonaparte, perto do fim de sua vida, questionava: “O que quer uma mulher?” (André, 1998). Os principais ensaios que tratam da questão do feminino foram produzidos em seus últimos anos, como “*Sexualidade Feminina*” (Freud, 1931/2018) e “*A feminilidade*” (Freud, 1933/2018).

Neste segundo, destaca-se o interesse psicanalítico não em descrever em que consiste a mulher, mas sim em pesquisar o processo através do qual a menina se tornará mulher:

“Corresponde à singularidade da psicanálise não descrever o que a mulher é – isso seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver – mas sim, pesquisar como ela se torna mulher, como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição bissexual” (Freud, 1933/2018, p.317).

Sendo assim, em “*A feminilidade*” (1933/2018), Freud passa a dar importância a uma fase antes pouco explorada por ele: a ligação pré-edípica da menina com a sua mãe. Como ele coloca: “Em suma, ganhamos a impressão de que não podemos entender a mulher, se não

considerarmos essa fase de ligação pré-edípica com a mãe” (Freud, 1933/2018, p. 322). Na visão de Kuss (2016), embora a feminilidade, em Freud, seja marcada pela ausência do falo, e não por um significante que lhe seja próprio, ela não se constitui apenas como uma ausência pura:

“Acontece, então, que uma menina se identifica primeiramente à sexualidade masculina (em sua vida pré-edípica), e posteriormente à ausência da sexualidade feminina (em sua vida edípica), visto que não há um significante específico para a feminilidade (Kuss, 2016, p.248).”

Nesse contexto, Kuss (2016) aponta que há, na mulher, partindo das ponderações freudianas, algo da ordem de uma oscilação: uma alternância entre estar referida ao falo (no campo da masculinidade) e de não estar referida ao falo (no campo da feminilidade). E é esse ponto que constituiria, para Freud, o enigma da feminilidade, como ele próprio abrange no fim da sua obra:

“Partindo da pré-história, quero aqui apenas destacar que o desdobramento da feminilidade permanece exposto à perturbação através de fenômenos residuais da pré-história masculina. Regressões às fixações daquelas fases pré-edípicas ocorrem com muita frequência; em alguns ciclos de vida isso chega a uma alternância repetida de épocas que predominam ou a masculinidade ou a feminilidade. Talvez parte do que nós, homens, chamamos de “enigma das mulheres” derive dessa expressão de bissexualidade na vida da mulher” (Freud, 1933/2018, p. 336-337).

No mesmo texto, Freud caminha com suas elucubrações até chegar na questão das particularidades psíquicas da feminilidade. É colocado por ele que, sobre esse ponto, não é fácil distinguir aquilo que deve ser atribuído à função sexual daquilo que deve ser atribuído à educação social. De todo modo, postula:

“Atribuímos, portanto, à feminilidade, um grau maior de narcisismo, o qual também influencia a sua escolha de objeto, de maneira que ser amada, para a mulher, é uma necessidade mais forte do que amar. O efeito da inveja do pênis também participa da vaidade física da mulher, tendo em vista que esse efeito vai ter de valorizar ainda mais os encantos dessa vaidade como compensação pela inferioridade sexual originária” (Freud, 1933, p.338).

Esse excerto de *A feminilidade* (1933) demonstra uma visão que remete às questões do feminino com a beleza: tanto com o desejo de ser e de sentir amada, quanto com a tentativa de compensar a ausência do pênis com os “encantos dessa vaidade”, nas palavras do próprio Freud. Por essa perspectiva, Kuss (2016) traz que o amor funcionaria como um certo suplemento narcísico, posto que, na impossibilidade de terem um falo, as mulheres precisam ser amadas, como uma suplência à inexistência de um significante que as identifique à sexualidade propriamente feminina.

Ademais, Soler (2005), partindo da teorização lacaniana acerca do feminino, pensa a posição feminina na lógica da mulher poder ser tomada, pelo parceiro, como um objeto de desejo. De acordo com ela, na ausência de um órgão fálico, como o pênis, as mulheres tomariam a própria imagem corporal como fálica. A beleza surgiria, então, como uma das formas de se tornar objeto de desejo. Por esse viés, Souza e Kosovski (2018) afirmam que a beleza pode ser compreendida como um suporte imaginário para a mulher, contornando o enigma inerente à feminilidade.

Contudo, as autoras supracitadas também destacam os prejuízos que podem ser acarretados pela crença excessiva no recurso da beleza. A busca pelo enquadre em determinado ideal estético pode levar o sujeito a se ver imerso em dietas restritivas, exercícios físicos, cirurgias plásticas e procedimentos estéticos desmesurados. Dessa maneira, enxergar o corpo como um lócus de felicidade plena, que ocorreria somente a partir do

enquadre em um determinado ideal estético, é um forte promotor de sofrimento psíquico. Esse ponto será explorado mais adiante, no capítulo sobre a relação que as mulheres mantêm com os seus corpos, em especial na era da superexposição midiática.

5 A relação das mulheres com seus corpos: da repressão à superexposição

Ao analisar a relação que as mulheres estabelecem com seus corpos, parte-se da premissa de que um corpo não apenas dá trabalho, mas que dá trabalho segundo formas historicamente determinadas (Soler, 2008). Por essa perspectiva, dois contextos históricos diferentes serão analisados, colocando o corpo feminino em evidência: em primeiro, o da mulher vitoriana e, em segundo, o da mulher contemporânea.

5.1 A mulher vitoriana e a repressão do corpo

De início, é interessante destacar que o corpo das históricas foi o ponto de partida da psicanálise, visto que, ao ouvir o que essas mulheres tinham a dizer – em livre associação –, Freud desvenda o inconsciente, dimensão que é própria e singular de cada um (Fingermann, 2021). Por esse viés, tem-se como consenso, entre diversos estudiosos contemporâneos da psicanálise, que a teoria freudiana nasce a partir da escuta do fenômeno histórico no feminino (Fernandes, 2021; Jorge & Travassos, 2021; Trachtenberg, 2018 & Birman, 2017).

As mulheres históricas apresentavam manifestações como cegueira, mudez, paralisias e convulsões, sem que fosse possível localizar no corpo quaisquer patologias que as justificassem. Foucault (2001), em sua obra *O nascimento da clínica*, refere-se às mudanças epistemológicas pelas quais o conhecimento médico passava durante o século XIX, em que a medicina dos sintomas estava gradativamente sendo dissipada “diante da medicina dos órgãos, do foco e das causas, diante de uma clínica inteiramente ordenada pela anatomia patológica” (Foucault, 2001, p.139).

Birman (2017) corrobora a visão foucaultiana ao afirmar que, conforme os pressupostos anatomoclínicos da época vitoriana, as doenças necessariamente seriam caracterizadas por lesões orgânicas, as quais garantiriam o estatuto de verdade da enfermidade. Portanto, em virtude da impossibilidade de encontrar uma materialização orgânica da histeria, o saber da medicina se via encurralado e insuficiente, diante daquilo que não podia explicar. As mulheres histéricas eram, então, rechaçadas pela sociedade e pelos médicos, acusadas de encenar as suas dores e os seus sintomas, tidas por impostoras e mentirosas.

No livro *Histeria e Sexualidade: clínica, estrutura, epidemias*, Jorge e Travassos (2021) identificam o psiquiatra francês, Jules Falret, como aquele que nomeou a histerica de enganadora:

“Essas doentes são verdadeiras atrizes; enganar as pessoas com quem se relacionam é o seu maior prazer. As histéricas, que exageram até seus movimentos convulsivos (...), travestem e exageram todos os movimentos de sua alma, todas as suas ideias e todos os seus atos. (...) Numa palavra, a vida das histéricas não é mais que uma mentira perpétua” (Falret, 1866 *apud* Jorge & Travassos, 2021).

Na contramão dos demais médicos de seu tempo, Freud decidiu ouvir o que essas mulheres tinham a dizer: “E a histerica falou do amor, do desejo, do ódio e da culpa” (Valdivia, 1997, p.20). Assim, valendo-se de sua investigação clínica acerca da histeria, Freud, em seu escrito *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), anuncia uma compreensão psicanalítica do funcionamento histórico:

“A psicanálise elimina os sintomas históricos com base na premissa de que são o substituto – como que a transcrição – de uma série de processos psíquicos, tendências e desejos investidos de afetos, que um processo psíquico especial (a repressão) privou do acesso à resolução mediante a atividade psíquica capaz de consciência. Portanto,

essas formações mentais, retidas no estado de inconsciência, buscam uma expressão adequada a seu valor afetivo, uma descarga, e encontram, na histeria, mediante o processo de conversão, em fenômenos somáticos – os sintomas histéricos” (Freud, 1905/2016, p.60).

De acordo com Csillag (2010), a histeria se apresenta, hoje, em manifestações que divergem do apreendido originalmente por Freud. Embora, na contemporaneidade, a histeria tenha desaparecido enquanto entidade nosográfica dos manuais diagnósticos de psiquiatria, “a conversão continua em plena cena” (Csillag, 2010, p.1). Cumpre frisar que ainda é possível encontrar pacientes histéricos sob novas nomeações e novos rótulos, em fenômenos que aparecem como pânico, fibromialgias e tremores, entre as mais diversas formas de somatização que tomam conta do corpo (Catani, 2004).

Assim, seja em suas manifestações originais, seja em suas manifestações pós-modernas, a histeria jamais pode ser pensada fora de seu contexto histórico-cultural. Nesse sentido, os tempos vitorianos envolviam uma forte repressão de cunho sexual. As mulheres não tinham voz ou espaço na sociedade, e, ao serem relegadas à posição de objeto de trocas entre os homens, faziam os seus sintomas histéricos (Kuss, 2016). Como sintetiza Fernandes (2006), por essa razão Freud localizou que a neurose atingia mais as mulheres do que os homens: elas constituíam o maior alvo da moral repressora da época.

No entanto, é fundamental trazer à luz que “recorrer à repressão dos desejos sexuais já não é mais necessário para as mulheres da mesma forma que o foi antes da revolução sexual, do feminismo e da invenção da psicanálise” (Fernandes, 2006, p.271). Suscita-se, dessa maneira, um novo questionamento: como caracterizar os efeitos da contemporaneidade na relação que as mulheres estabelecem com seus corpos?

5.2 A mulher contemporânea e a superexposição do corpo

Como visto anteriormente, nos tempos vitorianos, a mulher histérica vivenciava fisicamente os efeitos da repressão sexual. Contudo, o movimento de liberação sexual, que alcançou seu auge nos fins da década de 1960, possibilitou uma grande mudança para as mulheres ao redor do mundo. Como mostra Gecillac (2012), esse processo permitiu que a sexualidade fosse mais evidenciada, gerando uma maior liberdade de exposição dos corpos das mulheres. Uma invenção desse período, em específico, merece atenção especial, visto que ela alterou consideravelmente a função sexual feminina: a pílula contraceptiva.

Para algumas mulheres – atentando para os recortes de raça e classe, não se incluem todas – era possível, a partir de então, estabelecer outros caminhos para si que não o casamento ou a maternidade, como a participação no mercado de trabalho e a liberdade sexual. Segundo Muchembled (2007, p.47): “A contracepção incentivou a revolução libertadora das mulheres, prometendo-lhes entrar no mundo – até então reservado aos homens – da determinação individual da identidade sexual”.

Em vista dessa libertação, não teriam sido apaziguados os conflitos psíquicos e o sofrimento feminino tão marcantes nas histéricas? Kuss (2016) faz um questionamento semelhante:

“Se por um lado as histéricas freudianas, com sintomas de paralisias e cegueiras, tornaram-se escassas nos dias de hoje, por outro lado há uma proliferação de mulheres diagnosticadas com inúmeros transtornos dos manuais de psiquiatria. Haveria algo em comum entre as mulheres contemporâneas e as de outrora?” (Kuss, 2016, p.244).

Argumenta-se, aqui, que há pelo menos um denominador comum entre todas essas mulheres, tanto de outrora como de hoje: um conflito na relação que se estabelece com o próprio corpo. Se antes o corpo da mulher vitoriana precisava ser velado, em virtude da repressão sexual, hoje a superexposição do corpo da mulher contemporânea retoma a cena

pela via de um excesso. Esse excesso pode ser exemplificado pela fetichização do corpo, haja vista que “o corpo idealizado, elevado à categoria de fetiche, parece servir de forma privilegiada como alvo do ideal de completude e perfeição veiculado na pós-modernidade” (Fernandes, 2006, p.270).

A veiculação desse ideal encontra nas redes sociais amplo terreno. A exemplo disso, o *Instagram*, rede famosa de fotos e vídeos, incentiva que sejam feitos *posts* constantemente, através de mecanismos denominados como *Reels* e *Stories*. Sendo assim, é possível, e, mais ainda, provável, que o sujeito se sinta invadido pelos olhares alheios, como se a imagem de seu corpo passasse do domínio privado para o domínio público. Ademais, a rede é repleta de filtros que são capazes de alterar desde a cor da postagem até as próprias feições faciais do indivíduo.

Dessa maneira, as mídias digitais não apenas promovem um cenário de intensa exposição do corpo, como também geram a possibilidade de retoques, mudanças e edições, de forma a prepará-lo para o escrutínio do olhar do Outro. São inúmeras as reportagens que tratam da influência dos filtros do *Instagram* nos fenômenos sociais, como um artigo da revista *Elle*² que remete à padronização dos corpos que os filtros promovem, argumentando que os sujeitos que os utilizam, por mais diferentes entre si que possam ser, terminam com feições semelhantes, o que retira deles qualquer senso de individualidade estética.

Acerca desse fenômeno, Silva (2017) aponta que com a presença constante da indústria cultural no cotidiano das pessoas, surge uma busca desenfreada pela perfeição estética. De acordo com o autor, os padrões estéticos tendem à homogeneidade, visto que há uma concepção de beleza fundamentada mais na igualdade estética dos indivíduos do que naquilo que os distingue. A tentativa de alcançar uma imagem corporal idealizada e

² Os filtros de Instagram nos deixam iguais. Revista Elle. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>. Acesso 03 Out. 2022.

compatível com o padrão de beleza vigente nas redes sociais parece resultar, então, em inúmeras manipulações do corpo por meio dos procedimentos estéticos.

Esse fato é possibilitado pelos avanços científicos da modernidade, que levaram a certo domínio do corpo. Se, por um lado, a descoberta da penicilina revolucionou os tratamentos médicos, posto que não se padece de infecções bacterianas como outrora, por outro lado, hoje, em um mesmo paralelo, a toxina botulínica e o ácido hialurônico revolucionaram o campo da estética. Papazian et al. (2018) referem que essas substâncias constituem o meio de tratamento mais utilizado na harmonização facial, prática popularizada pelo *Instagram*, pelo *Facebook* e pelo *TikTok*, que consiste na alteração dos traços do rosto.

Para atingir uma beleza supostamente ideal e harmônica, são realizados procedimentos como preenchimento dos lábios, da mandíbula, do queixo e das olheiras com ácido hialurônico, e aplicações de toxina botulínica para paralisar alguns movimentos faciais, minimizando as rugas e as linhas de expressão que são naturais do processo de envelhecimento. Contudo, a busca pelo enquadramento em um padrão idealizado, por meio das intervenções estéticas, parece desconsiderar que a imagem do corpo é singular para cada sujeito.

Na compreensão de Dolto (1986/2017), há uma diferenciação entre esquema corporal e imagem corporal. Enquanto o esquema corporal é o mesmo para todos os indivíduos, a imagem do corpo é peculiar a cada um, posto que ela está irremediavelmente ligada à história do sujeito. Esse ponto remete à concepção de corpo para a psicanálise, explorada anteriormente tanto pelo viés freudiano quanto pelo lacaniano: o corpo é um domínio em eterna construção para o sujeito, processo que inicia desde a relação com os cuidadores primários e segue por toda a vida.

Logo, ainda que possa ser possível alcançar um ideal estético desejado, não se pode afirmar que ele seria suficiente para apaziguar as inquietações presentes na relação que se

estabelece com o próprio corpo. Partindo dessa perspectiva, Silva e Rey (2011) refletem que, no mesmo compasso em que as intervenções estéticas constituem um meio de acesso ao ideal de beleza, elas também são via de entrada para diversas inquietações psíquicas. As imposições de como ser mulher, sejam elas de cunho estético, sejam de cunho social, perpassam o tempo e produzem os mais diversos efeitos nas mulheres.

6 Do Ornatu Mulerium às redes sociais: as imposições do ser mulher através dos tempos

Lacan, em seu *Seminário 20*, usava da homofonia entre as expressões em língua francesa “*On la dit femme*” (nós a dizemos mulher) e “*On la diffame*” (nós a difamamos) para dizer da tentativa de fazer “A” mulher existir, de definir uma essência do feminino, que esteve associada, historicamente, a uma inferiorização da feminilidade (Lacan, 2010). A mulher submissa, para a Igreja. A mulher mãe, para Freud. A mulher liberada sexualmente, para a contemporaneidade.

Lacan termina por enunciar o seu famoso aforismo “A mulher não existe” para retratar a impossibilidade de definir o que seria a essência da mulher. Valdivia (1997), advertida dessa lógica lacaniana, já alertava:

“As mulheres são únicas e só podem ser contadas uma a uma. Não há mulher “artigo definido” para designar o universal, pois não há nela um significante que lhe seja específico. Segundo Lacan, a mulher não existe. E é justamente essa inexistência que vai promover a sua existência enquanto ideal: tanto pelos homens, para os quais a mulher é o seu sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam na tentativa de alcançar uma identificação feminina” (Valdivia, 1997, p.23).

Logo, na ausência de um significante que seja específico à mulher, que lhe seja norteador e que garanta o caminho da identificação feminina, diversas são as invenções realizadas pelas mulheres. Como traz Zalcberg (2012), em consonância com Beauvoir, mais

do que ser, a feminilidade é tornar-se. Contudo, é importante colocar em pauta que os contextos socioculturais atravessam a constituição feminina e que existiram – e ainda existem – inúmeras imposições de como ser mulher.

Para Valdivia (1997), a mulher sempre busca uma identidade nos artifícios e nas máscaras. Desse modo, é possível identificar, desde o século XIII, como a maquiagem, a tintura e as demais fórmulas de embelezamento do corpo já eram, em alguma escala, difundidas entre as mulheres. A partir da pesquisa realizada por Macedo (1998) acerca do manual de cosmetologia *De Ornatu Mulierum* (1250), é possível encontrar uma motivação religiosa por trás da busca pela beleza feminina durante a Idade Média.

Por essa perspectiva, Macedo (1998) desenvolve a visão de que, para o autor do manual, no momento da criação de Eva, Deus a presenteou com a beleza da juventude. Contudo, devido à desobediência da mulher, narrada na Bíblia, a sua beleza teria sido retirada como uma forma de punição. Dessa maneira, a propagação das receitas se justificava na medida em que as mulheres deveriam recuperar a beleza que foi perdida com o pecado originário. Logo, essa pesquisa não apenas revela uma forte relação histórica entre as mulheres e o campo da beleza, mas também um valioso fator cultural presente nessa equação, visto que o imaginário da época era fortemente impactado pela religião cristã.

É importante destacar, ainda, que os ideais se transformam através do tempo, em virtude das mudanças sociais, políticas e culturais que são vivenciadas pelos indivíduos. No Brasil, a revista *Cláudia*, publicada pela editora Abril, possuía uma grande circulação entre as décadas de 60 e 70 (Gecillac, 2012). Nesta época, como traz Bassanezi (2005), a revista se dedicava a ensinar às mulheres como cuidar dos filhos e da casa, a ter um corpo saudável, a desenvolver dotes culinários e a manter a felicidade conjugal. Ou seja, o “ser mulher” estava associado ao lugar da dona de casa, e, desse modo, a revista agia como um certo manual:

trazia dicas para que as mulheres pudessem alcançar o lugar ideal do feminino compatível àquela época.

Atualmente, na rede social *TikTok*, viralizou uma *trend* denominada em língua inglesa “That Girl” (em tradução livre: “Aquela Garota”), a qual consiste em uma estética fantasiosa de uma jovem mulher próxima do ideal das redes sociais. “Aquela Garota” é definida como alguém que corresponde aos imperativos de seu tempo: é bonita, organizada, faz exercícios físicos, cuida da própria pele, estuda, trabalha, usa roupas que estão na moda e se alimenta de maneira saudável.

O que une essa *trend* à revista *Cláudia* dos anos 1960 e ao manual *De Ornatu Mulierum* de 1250, apesar das intensas décadas, séculos, transformações sociais, políticas e culturais que os separam? Argumenta-se, aqui, que uma das respostas possíveis para essa indagação seria uma associação entre o campo do feminino e dos manuais que perpassa o tempo. Como adornar, como vestir, como ser mulher? Estas parecem ser as perguntas que, na perspectiva psicanalítica, seguem sem resposta. Há uma falha na definição que é própria do feminino, e não parece existir uma chave da feminilidade.

Apesar das tentativas históricas de fazer “A” mulher existir – ou da tentativa contemporânea de fazer “Aquela Garota” existir – não há significante propriamente feminino. Em vista dessa ausência, cada uma traça o seu próprio percurso, o que escapa qualquer tentativa de padronização. Em concordância com essa visão, Alonso (2002) traz que a teoria psicanalítica inaugura uma perspectiva diferente para perguntar e responder pela diferença dos sexos, que não coincide com determinações biológicas ou culturais.

Portanto, para a psicanálise, partindo de Freud até Lacan, o processo de tornar-se mulher é visto pela ótica da singularidade. A relação que cada sujeito estabelece com o seu corpo sexuado é sempre singular e, de certa maneira, conflituosa. Diante disso, caem por terra os imperativos, os manuais e as imposições que procuram definir uma maneira ideal de como

ser mulher e de como se posicionar no campo da feminilidade. É a partir da dialética do desejo que cada mulher contará no corpo a sua história, corpo esse que é marcado e atravessado pelas suas vivências particulares, além de localizado em um momento particular da história e da cultura (Alonso, 2002).

7 Considerações Finais

A teoria psicanalítica, a partir da escuta das mulheres históricas, surgiu dando conta de algo do corpo que escapava do alcance da medicina. Desse modo, Freud inaugurou uma visão de corporeidade que inscrevia o sujeito em um registro que estava além do biológico, pertencente à ordem do inconsciente, do erógeno, do pulsional e do narcísico. O corpo, em Freud, diferentemente do organismo, é uma construção empreendida pelo sujeito, que parte da relação com os cuidadores primários e assim segue por toda a vida.

Já Lacan, a partir da sua teoria do estágio do espelho, reconheceu que na passagem de organismo para corpo havia um importante elemento: a imagem. Ainda, em sua segunda tese do simbólico, que retroage sobre a primeira do imaginário, o corpo passa a ser visto como um fato de linguagem, que só existe pela mediação do Outro da linguagem. O corpo é, portanto, um efeito de discurso, construído e edificado em um processo que não cessa de se escrever e de se inscrever.

É crucial pontuar, ainda, que os processos históricos, culturais e sociais aos quais o corpo está submetido exercem efeitos no sujeito, como pôde ser visto na passagem da mulher vitoriana para a mulher contemporânea. Ademais, há, de fato, algo do feminino que parece refletir em uma associação entre a mulher, o corpo e a estética. Em síntese, a beleza pode ser compreendida como um recurso utilizado pelas mulheres para lidar com o enigma inerente à feminilidade, tendo em vista que, para a psicanálise, não existe significante propriamente feminino.

Contudo, como visto na contemporaneidade, a crença excessiva no recurso da beleza pode acarretar em um superinvestimento no corpo. E, embora o sujeito recorra aos mais diversos artifícios de manipulação do próprio corpo, elevado à categoria de fetiche, esses recursos não possuem garantias: a instabilidade da imagem do corpo é estrutural. Assim, a busca por um ideal estético e pelo enquadramento em um suposto padrão de beleza, por meio dos cosméticos, dos procedimentos e das cirurgias, esbarra no fato de que o corpo é inexoravelmente singular, tendo em vista que há ali a história do sujeito.

Logo, se a própria construção do corpo é irremediavelmente singular, como, então, padronizar-se? Essa seria, portanto, uma proposta do campo do impossível. Dessa maneira, cumpre frisar que o ideal de corpo e de beleza exaustivamente propagado pela cultura midiática é capaz de provocar grande sofrimento psíquico nos sujeitos, que, assim, procuram caminhos para lidar com esse mal-estar.

A psicanálise, ao se constituir como uma clínica da escuta dos desejos de cada um, promove uma forma de pensar que vai na contramão dos discursos hegemônicos da sociedade, auxiliando a entender as questões do corpo, do feminino e dos ideais estéticos pela ótica da singularidade. Parafraseando Lacan, O corpo, com artigo maiúsculo, não existe. Existem os corpos e existem as mulheres, diversos e plurais, que extravasam as formatações dos campos do ideal.

Esse percurso, em essência, destaca a tradição psicanalítica de interrogar o sujeito e a relação que ele estabelece com o próprio corpo, que está mais além do organismo biológico – é um corpo pulsional, investido eroticamente, atravessado pelo inconsciente, pela linguagem e pelo discurso de um tempo. E, alcançando a subjetividade dessa época, marcada pela fetichização e padronização do corpo, interrogar a mulher contemporânea que sofre com seus conflitos corporais parece tão necessário quanto o foi com as histéricas freudianas.

Referências Bibliográficas

- Alonso, S. L. (2002). Interrogando o feminino. In S. Alonso, A. Gurfinkel & D. Breyton (Eds.): *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.
- Andrade, C. D. (1930). No meio do caminho. *Alguma poesia*, p. 15.
- Askaforé, S. (2019). Considerações sobre o corpo em sua relação com a estrutura e os discursos. In D. Scheinkman & M. Maesso (Orgs.): *O corpo no discurso psicanalítico*. (p.35). Curitiba: Editora Appris.
- Bassanezi, C. (1993). Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). *Cadernos Pagu*, (1), 112-148.
- Birman, J. (2017). *Gramáticas do erotismo*. São Paulo: Editora José Olympio.
- Cardoso, M. C. B. (2016). *A beleza que vela o feminino*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/14663>.
- Catani, J. (2014). Histeria, transtornos somatoformes e sintomas somáticos: as múltiplas configurações do sofrimento psíquico no interior dos sistemas classificatórios. *Jornal de Psicanálise*, 47(86), 115-134.
- Cortêz, N. (2022, 23 de Fevereiro). Marieta Severo: “Posso estar toda enrugada, mas quero meus neurônios funcionando”. *Revista Marie Claire*. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2022/02/marieta-severo-posso-estar-toda-enrugada-mas-quero-meus-neuronios-funcionando.html>. Acesso em: 25 Out. 2022.
- Csillag, M. C. (2010). Corpo e histeria na contemporaneidade. *Revista Leitura Flutuante*, 2.
- Dias, M. M. (2021). O pior cego é aquele que não quer escutar: relações entre o olhar e a voz em psicanálise. In D. Teperman, T. Garrafa & V. Iaconelli (Orgs.): *Corpo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

- Dolto, F. (2017). *A imagem inconsciente do corpo*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Eiras, N. (2020, 25 de Maio). Os filtros de Instagram nos deixam iguais. *Revista Elle*.
Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>. Acesso em 12 Set. 2022.
- Fernandes, M. H. (2016). Onde começa o corpo? *Ide*, 38(61), 13-26.
- Fernandes, M. H. (2021). O corpo da mulher e os imperativos da maternidade. In D. Teperman, T. Garrafa & V. Iaconelli (Orgs.): *Corpo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Ferreira, L. A. (2014). *De que corpo se trata em psicanálise?*. Dissertação de Mestrado.
- Fingermann, D. (2021). O que é um corpo? Como responde a psicanálise? In D. Teperman, T. Garrafa & V. Iaconelli (Orgs.): *Corpo*. (p.31.). Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Foucault, M. (2001). *O nascimento da clínica*. 5a edição. São Paulo: Forense Universitária.
- Fortes, I.; Winograd, M.; Perelson, S. (2018). Algumas reflexões sobre o corpo no cenário psicanalítico atual. *Psicologia USP*, 29(2).
- Freud, S. (1931/2018). Sobre a sexualidade feminina. In: *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Freud, S. (1933/2018). A feminilidade. In: *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- García-Roza, L. A. (2008). Artigos de metapsicologia. In: *Introdução à metapsicologia freudiana*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Gellacic, G. B. (2012). *Refletindo Sobre os Resultados dos Movimentos Feministas e da Liberação Sexual dos anos 60 e 70, Através Do Corpo Feminino*. XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-S.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- International Society of Aesthetic Plastic Surgery – ISAPS (2021). *ISAPS Global Statics*. Disponível em: <https://www.isaps.org/medical-professionals/isaps-global-statistics/>. Acesso em: 22 Ago. 2022.
- Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P (2021). *Histeria e sexualidade: Clínica, estrutura, epidemias*. 1ª ed – Rio de Janeiro: Zahar.
- Kuss, A. S. S. (2016). Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. *Psicologia Argumento*, 34(86), 243-255.
- Lacan, J. (2010). Mais ainda: Seminário XX. Escola Letra Freudiana, Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (1949/1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lazzarini, E. R, & Viana, T. C. (2006). O corpo em psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 22.
- Macedo, J. R. (1998). A face das filhas de Eva: os cuidados com a aparência num manual de beleza do século XIII. *Revista História*, 2, 293-231.
- Muchembled, R. (2007). *O orgasmo e o ocidente: uma história de prazer do século XVI a nossos dias*. São Paulo: Martins Fontes.
- Papazian, M. F., da Silva, L. M., Crepaldi, A. A., Crepaldi, M. D. L. S., & de Aguiar, A. P. (2018). Principais aspectos dos preenchedores faciais. *Revista Faípe*, 8(1), 101-116.
- Pinho, L. R. O. (2016). *Trótula de Salerno: périplo na história e historiografia*. Trabalho de Conclusão de Curso.

- Silva, H. C. D., & Rey, S. (2011). A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicologia: ciência e profissão*, 31, 554-567.
- Silva, M. R. S. (2017). *Culto ao corpo: expressões do voyeurismo e do exibicionismo na estética contemporânea*. São Paulo: Blucher Editora.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Soler, C. (2019). *O em-corpo do sujeito*. Salvador: Editora Álgama.
- Souza, D. E. D., & Kosovski, G. F. (2018). Mulheres e Espelhos: a Devastação e o irrepresentável no corpo feminino. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30, 166-172.
- Trachtenberg, R. (2018). Sobre mistérios e segredos. In: *Sobre o feminino: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Blucher Editora.
- Valdivia, O. B. (1997). Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. *Psicologia: ciência e profissão*, 17, 20-27.
- Zalcborg, M. (2012). A devastação: uma singularidade feminina. *Tempo psicanalítico*, 44(2), 469-475.